

## O saber comunicacional e os projetos experimentais no ensino de Comunicação Social da PUC Minas<sup>1</sup>

Maria Ângela Mattos (PUC Minas — docente e pesquisadora)<sup>2</sup>

### Resumo

O artigo propõe refletir sobre que tipo de saber comunicacional está sendo produzido nos projetos experimentais desenvolvidos pelos alunos do curso de graduação em Comunicação Social da PUC Minas, em Belo Horizonte (campus Coração Eucarístico), das habilitações Jornalismo, Relações Públicas e Publicidade e Propaganda. Trata-se de uma versão preliminar do estado da arte do projeto de pesquisa *Encontros e desencontros com o saber comunicacional: um estudo da trajetória dos projetos experimentais da PUC Minas*, elaborado pelos integrantes do grupo de pesquisa Interfaces da Comunicação<sup>3</sup>. Já aprovado pelo Fundo de Incentivo à Pesquisa (FIP/PUC Minas), o projeto será desenvolvido a partir de agosto de 2005, e tem por objetivo analisar o percurso do saber comunicacional e suas interfaces nos projetos experimentais desenvolvidos no Curso, desde sua implantação no currículo, em 1988, até 2005.

**Palavras-chave:** Projetos Experimentais; Saber Comunicacional; Interfaces do Campo Comunicacional.

### Introdução

Este artigo é fruto de um estudo preliminar sobre o saber comunicacional produzido pelos alunos do Curso de Comunicação Social da PUC Minas (Jornalismo, Relações Públicas e Publicidade e Propaganda) nos projetos experimentais que, em 17 anos de existência, apresentam três tipos de configuração: 1. Projetos que extrapolam o saber comunicacional, por adotarem perspectivas teórico-conceituais de outras áreas de conhecimento, sobretudo, das ciências sociais e humanas; 2. Projetos que traduzem visões reducionistas e instrumentais da comunicação, já que se limitam a reproduzir as práticas

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao NP 01 — Teoria da Comunicação, do XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Profª Drª em Comunicação e Cultura (UFRJ) da PUC Minas-BH, é responsável pela disciplina Teoria e Pesquisa em Comunicação nas três habilitações, supervisora do Laboratório de Projetos Experimentais e coordenadora do Grupo de Pesquisa Comunicação e Interfaces, cadastrado no CNPq.

<sup>3</sup> O grupo Interfaces da Comunicação, responsável pela elaboração do projeto *Encontros e desencontros com o saber comunicacional: um estudo da trajetória dos projetos experimentais da PUC Minas*, é integrado pelos professores e pesquisadores do curso de Comunicação Social da PUC Minas (campus Coração Eucarístico): José Francisco Braga, José Milton Santos e Terezinha Maria de Carvalho Cruz Pires, e coordenado pela autora deste artigo.

profissionais de comunicação, sem serem acompanhados por um trabalho teórico-conceitual e reflexivo acerca do objeto de estudo; 3. Projetos que realizam interfaces produtivas da comunicação, seja no âmbito interno ou externo ao campo comunicacional, isto é, no interior das áreas específicas e nos saberes vinculados às ciências sociais e humanas.

Este trabalho parte do pressuposto de que os projetos experimentais que realizam interfaces produtivas com os saberes especializados da comunicação e/ou com os conhecimentos ligados às ciências sociais e humanas têm pouca expressividade no acervo de 754 projetos do Curso, face ao predomínio de duas tendências: a justaposição do saber comunicacional a outras áreas consolidadas das ciências sociais e humanas, o que gera dispersão temática e ofusca o objeto da comunicação na construção e desenvolvimento dos projetos experimentais e a redução do objeto de estudo a dimensões meramente instrumentais e pragmáticas.

O estudo está estruturado em torno dos seguintes itens: 1. A trajetória dos projetos experimentais no curso de Comunicação Social da PUC Minas; 2. As condições estruturais e conjunturais do surgimento e desenvolvimento dos projetos experimentais no ensino de Comunicação Social no Brasil; 3. Que tipo de saber comunicacional os projetos experimentais estão produzindo?

### **1. A trajetória dos projetos experimentais no curso de Comunicação Social da PUC Minas**

Criados pela Resolução 002/1984 do Conselho Federal de Educação (CFE) e mantidos pelas Diretrizes Curriculares da Área de Comunicação aprovadas em 2001 pelo MEC, os Projetos Experimentais são concebidos como disciplina do ensino de Comunicação Social, com carga horária de 270 horas, visando a produção de trabalhos relacionados com suas habilitações, em forma de monografia ou de criação, produção, realização de publicações e/ou produtos impressos, sonoros, visuais ou audiovisuais, campanhas publicitárias e institucionais, planejamentos de comunicação, entre outros, realizados nos laboratórios da escola.

Importante assinalar que no curso de Comunicação Social da PUC Minas a idéia de projeto experimental expressa na referida resolução se assemelha em parte à que vigorava durante os anos 70 na instituição, que estabelecia como requisito para completar a formação

do aluno, em qualquer uma das três habilitações existentes, a apresentação de uma monografia como trabalho de conclusão de curso, acompanhado por reflexão teórica.

Há que se lembrar que, naquela década, a maioria das escolas de comunicação no Brasil, inclusive a da PUC Minas, não oferecia condições adequadas — recursos materiais, técnicos e humanos e infra-estrutura laboratorial — para a realização de trabalhos de produção e experimentação nas áreas impressa, sonora, visual, audiovisual, entre outras linguagens de comunicação, o que favoreceu maior ênfase aos trabalhos dissertativos de cunho monográfico.

Naquele período, duas preocupações básicas nortearam a realização dos trabalhos de conclusão do Curso: de um lado, a contraposição à perspectiva tecnicista e instrumental imposta ao ensino de comunicação pelos currículos mínimos da área, mediante a realização de estudos que não se limitassem a dimensões técnico-profissionais e mercadológicas da comunicação e, de outro, o estímulo aos alunos para a realização de pesquisas reflexivas e críticas sobre a comunicação na sociedade, sob a perspectiva da transformação social e da democratização da comunicação no País.

Destaca-se o empenho do curso de Comunicação Social da PUC Minas em contribuir para o avanço da prática pedagógica dos projetos experimentais, traduzindo-se tanto na realização e apresentação das monografias elaboradas pelos alunos nos congressos científicos de comunicação, quanto na organização do I Encontro Nacional de Avaliação de Projetos Experimentais, juntamente com a Associação Brasileira das Escolas de Comunicação (Abecom) e a Federación Latinoamericana de Facultades de Comunicación Social (Felafacs), realizado em Belo Horizonte, em 1990, no campus Coração Eucarístico da PUC Minas. O documento final do Encontro serviu de referência para outras escolas avaliarem seus procedimentos pedagógicos de implantação e desenvolvimento de projetos experimentais.<sup>4</sup>

No período de sua implantação, em 1988, este Curso estabeleceu os seguintes objetivos para nortear a realização dos projetos experimentais: a) estimular a produção teórica sobre Comunicação Social, por meio da reflexão sobre suas diferentes práticas dentro da perspectiva da comunicação integrada; b) proporcionar a execução de propostas

---

<sup>4</sup> Cumpre registrar também que a Fafi-BH, juntamente com a Abecom, realizou em Belo Horizonte, no 2º semestre de 1993, o I Encontro Regional de Projetos Experimentais, reunindo professores e pesquisadores de Minas Gerais e Espírito Santo.

que complementem as atividades desenvolvidas durante o curso; c) integrar diferentes conhecimentos adquiridos durante o curso.

Salienta-se que até 1994, os projetos experimentais foram marcados por grande influência das abordagens sociológicas da comunicação, face o perfil da equipe de supervisores, em sua maioria oriunda do departamento de sociologia da PUC Minas, como também devido à insipiência teórico-epistemológica e metodológica do campo comunicacional. Além disso, o predomínio da prática monográfica propiciava o desenvolvimento de trabalhos teóricos e reflexivos, referenciados, sobretudo, nas teorias, conceitos e metodologias de outras disciplinas vinculadas às ciências sociais e humanas.

Importante considerar que a ênfase na interface da comunicação com outros saberes contribuiu para que os projetos experimentais se fundamentassem em perspectivas mais abrangentes dos processos e práticas da comunicação na contemporaneidade. Ao mesmo tempo, a dimensão inter ou transdisciplinar de parte expressiva desses trabalhos pode ter desestimulado professores e pesquisadores da área de comunicação a buscarem referenciais teórico-metodológicos próprios.

A natureza monográfica dos trabalhos de conclusão de curso permaneceu durante o processo de introdução da disciplina Projetos Experimentais e de implementação da sua estrutura de funcionamento no curso de Comunicação Social da PUC Minas, em 1988, vigorando até 1994, quando foram implantados novo projeto pedagógico/curricular e outras modalidades de projetos, como, Experimentação de linguagem, Planejamento de comunicação, Intervenção sociocomunicacional ou de mercado, além de manter a Dissertativa. Nesse período, foi criado o Laboratório de Projetos Experimentais (LPE), em substituição ao Centro de Documentação e Pesquisa (Cedop), responsável até então pela supervisão dos projetos no Curso.

Enfatiza-se que a diversificação das modalidades de projetos experimentais veio atender à demanda notadamente do alunado, que se queixava freqüentemente da monografia ser a única opção como requisito para a conclusão do Curso. Enfatiza-se também que, na década de 90, a escola já se encontrava em condições mais favoráveis para oferecer suporte técnico, laboratorial, material e humano para a realização de projetos experimentais nas áreas de produção e experimentação em diversos suportes e linguagens da comunicação.

Para dar suporte à nova estrutura de funcionamento do LPE, buscou-se a diversificação da equipe de supervisores para se adequar às novas modalidades dos projetos, sem perder, no entanto, o perfil híbrido, já que sua equipe congregava professores-supervisores tanto da área da comunicação e suas habilitações quanto de outros departamentos da Universidade, de modo a não comprometer o caráter inter ou transdisciplinar dos projetos experimentais. A diferença é que a composição da nova equipe refletia maior equilíbrio entre o pessoal de comunicação e do departamento da sociologia.

Definiu-se que a função primordial dos supervisores do LPE é planejar, viabilizar e documentar a sistemática de funcionamento do Laboratório, além de avaliar e acompanhar metodologicamente o desenvolvimento das pesquisas dos alunos. Esse grupo de professores — hoje, em número de oito — supervisiona cerca de 50 projetos por semestre, desenvolvidos em grupo (com uma média de cinco a seis integrantes) e orientados semanalmente por professores-orientadores.

Desde sua inepção até hoje, os projetos são desenvolvidos nos três últimos semestres (6º, 7º e 8º períodos), nas disciplinas Projetos I, II e III<sup>5</sup>. Diferentemente de outras escolas de comunicação do País, particularmente as que concentram sua realização no último período ou ano do curso, a opção da PUC Minas pelo desdobramento longitudinal dos projetos tem contribuído para o amadurecimento gradual e formação intelectual consistente do aluno, o que tem resultado na realização de trabalhos de boa qualidade, alguns deles reconhecidos e premiados por entidades acadêmicas e científicas.

No decorrer dos três períodos de formulação, execução e avaliação dos projetos experimentais, os alunos são incentivados a se envolverem com o ambiente de pesquisa, por meio de seminários, mostras de projetos experimentais e oficinas de idéias. Nesses eventos, são debatidas temáticas e estratégias metodológicas com professores e ex-alunos

---

<sup>5</sup> A disciplina PE I possibilita ao aluno elaborar um projeto de pesquisa a partir de discussões em sala de aula sobre métodos e técnicas de pesquisa, além de trabalhar com noções da Teoria do Conhecimento Científico. Os alunos escolhem, nesse momento, os temas e enfoques do projeto e constituem os grupos de pesquisa. O desenvolvimento da pesquisa é planejado segundo metas a serem alcançadas, a partir de acompanhamento sistemático de professores orientadores e de professores membros da equipe do LPE, responsáveis pela condução dos projetos nas três disciplinas. Durante o 7º período, os alunos desenvolvem e apresentam resultados parciais das pesquisas, atingindo, no mínimo, 50% das atividades programadas, e são acompanhados tanto pelos orientadores — que realizam encontros semanais com os grupos de alunos —, quanto pelos supervisores do LPE — que participam de duas reuniões de avaliação por semestre com os grupos de alunos e orientadores, além de pré-qualificações dos projetos. Espera-se que nesta fase os alunos mostrem-se aptos a trabalhar e a discutir conceitos e teorias a partir dos temas e enfoques delimitados por suas pesquisas. Já ao final do PE I, no 8º período, os produtos são submetidos à banca final, composta por um professor orientador, um professor-supervisor do LPE e um professor convidado, esse último indicado pela coordenação do Curso (Ver Projeto Didático-pedagógico do Curso de Comunicação Social da PUC Minas, 2001/2002).

que desenvolveram pesquisas exemplares em projetos experimentais, contribuindo, desse modo, para o progressivo aperfeiçoamento metodológico na área de Comunicação.

Nessa perspectiva, pressupõe-se que os trabalhos de conclusão do curso possibilitem a sistematização e articulação de conhecimentos adquiridos pelos alunos ao longo de sua trajetória acadêmica, refletindo também a busca de novos saberes teórico-metodológicos, ético-estéticos e profissionais. Acredita-se ainda que a realização de projetos contribua para a superação da dicotomia teoria e prática e propicie a construção de um ambiente de produção reflexiva no qual o aluno se torne sujeito do processo de conhecimento, bem como favorecer a criação de uma cultura de pesquisa no curso de Comunicação Social e nas habilitações.

De 1994 até hoje, segundo avaliação preliminar dos autores do projeto *Encontros e desencontros com o saber comunicacional: um estudo da trajetória dos projetos experimentais da PUC Minas*, que também fazem parte da equipe de supervisores do Laboratório, o redesenho dos projetos experimentais representou um avanço significativo nos trabalhos realizados pelos alunos, uma vez que, paulatinamente, atesta-se o crescimento e a qualidade de projetos que buscam realizar interfaces produtivas, tanto interna quanto externa ao saber comunicacional, ainda que outras tendências temáticas e de enfoques de trabalhos de conclusão de curso sejam hegemônicas na instituição.

A partir de 2004, o Projeto Experimental estrutura-se não mais em torno de modalidades — dissertativa, experimentação de linguagens e planejamento de comunicação —, e sim em torno de abordagens semelhantes às de iniciação científica, o que implica necessariamente na elaboração de uma monografia, mas que pode ser complementado por atividades de produção, experimentação e planejamento. Essa mudança estrutural nos projetos foi feita em função da crescente tendência dos alunos que optavam por trabalhos práticos (livro-reportagem, vídeodocumentário, planejamento de comunicação etc.) de colocar em segundo plano a realização de pesquisas conceituais e teóricas sobre os objetos de estudo, comprometendo assim a natureza acadêmica dos projetos experimentais.

Sob essa ótica, o LPE busca disseminar a cultura de pesquisa no Curso e maior consonância das práticas investigativas dos projetos experimentais com os objetivos propostos pelos CNPq para as atividades de iniciação científica no País. A partir desta nova orientação, os projetos experimentais incorporam outros objetivos, tais como desenvolver

no aluno a capacidade de problematizar e pensar cientificamente os objetos pertinentes e relevantes do campo da Comunicação Social, incrementar a articulação dos diversos saberes adquiridos no curso sob perspectiva inter ou transdisciplinar, sem perder de vista que o objeto central de estudo é a comunicação social; promover maior articulação entre conhecimentos teóricos e empíricos, possibilitar a integração entre as pesquisas dos professores e alunos, estimular e qualificar os alunos para o ingresso nos cursos de pós-graduação.

O novo projeto acadêmico e pedagógico do curso de Comunicação Social da PUC Minas, vigente desde 2002, propõe para 2006 a transformação do Laboratório de Projetos Experimentais em Centro de Estudos e Pesquisas em Comunicação (Cepec). Além de atuar na supervisão de projetos, este Centro terá ainda por atribuição: articular as pesquisas desenvolvidas por professores e alunos, financiadas ou não por agências de fomento (como FIP/Probic, Pibic, entre outras), bem como aquelas produzidas pelos Grupos de Estudos Temáticos existentes na Faculdade de Comunicação e Artes e cadastrados no CNPq (Campo Comunicacional e Interfaces, Poéticas Audiovisuais Contemporâneas, Comunicação e Redes Midiáticas e Teoria da Comunicação Organizacional). Outras atribuições do Cepec serão: fortalecer as diretrizes acadêmicas que conformam o curso no âmbito dos projetos experimentais, divulgar informações de interesse dos pesquisadores, tais como congressos e chamadas para publicações, como também promover a realização de seminários e incentivar a publicação da produção acadêmica. A equipe do Cepec será composta por um professor coordenador e seis professores supervisores.

Percebe-se, a partir dessa breve trajetória dos projetos experimentais no curso de Comunicação Social da PUC Minas, que, desde a sua implantação até hoje, eles são concebidos como *locus* do exercício da inter ou transdisciplinaridade do saber comunicacional, não se limitando ao campo específico de cada habilitação, já que a proposta pedagógica do Curso e do LPE é incentivar a prática da interface da comunicação com as várias áreas de conhecimento. Em vista disso, pretende-se que a delimitação temática dos projetos deve se inscrever no campo da comunicação, e não apenas nos saberes especializados das habilitações. Ao mesmo tempo, entende-se que os alunos que optarem por realizar projetos ligados às habilitações específicas não devem trabalhar com perspectivas parciais e instrumentais da comunicação. Em outras palavras, ainda que o foco

da pesquisa privilegie a dimensão técnica e profissional das habilitações, a orientação do LPE é que o aluno tenha compreensão mais ampla do seu objeto de investigação, de modo a evitar tanto a mera reprodução do que é feito no universo profissional quanto a visão reducionista da problemática investigada.

No entanto, destaca-se que os 17 anos de trajetória dos projetos experimentais no Curso são marcados por um processo de permanente tensão entre as concepções parciais e pragmáticas da comunicação e a perspectiva inter ou transdisciplinar desta. Ora os temas e enfoques dos projetos se subjugam às abordagens teórico-metodológicas de áreas de conhecimento afins, ora se articulam de forma produtiva com os conhecimentos especializados da comunicação e com outras disciplinas das ciências sociais e humanas, ora reproduzem as lógicas operatórias das práticas mercadológicas de comunicação, muitas vezes sem sustentação teórica e empírica.

Para se compreender a situação do conhecimento sobre o tema desse projeto de pesquisa, torna-se necessário traçar breve contextualização histórica dos Projetos Experimentais no ensino de Comunicação Social no País, a fim de detectar os problemas estruturais dessa disciplina, responsáveis, ainda hoje, por muitos desafios teórico-epistemológicos, metodológicos e pedagógicos do desenvolvimento da pesquisa na graduação.

## **2. As condições estruturais e conjunturais do surgimento e desenvolvimento dos projetos experimentais no ensino de Comunicação Social no Brasil**

Solicitado pelo Conselho Federal de Educação (CFE)<sup>6</sup>, a Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa de Comunicação (Abepec) elaborou e encaminhou ao Conselho um anteprojeto para a criação de novo currículo mínimo para a área. Este fato gerou um conflito entre duas perspectivas de ensino e pesquisa em comunicação: uma que privilegiava os aspectos ético-humanistas, teóricos e críticos da formação do comunicador social e outra que defendia a formação especializada do futuro profissional, enfatizando as dimensões técnicas e instrumentais das habilitações.

---

<sup>6</sup> O Conselho Federal da Educação (CFE) do Ministério da Educação e Cultura foi o órgão responsável pela elaboração e instituição dos currículos mínimos do ensino de Jornalismo e, posteriormente, do ensino de Comunicação Social em suas diversas habilitações, como: Relações Públicas, Publicidade e Propaganda, Editoração, Radialismo, Cinema etc. O CFE foi extinto a partir da instituição da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) de 1996 e substituído pelo Conselho Nacional de Educação (CNE).



Os adeptos da segunda perspectiva organizaram um movimento nacional de reação à proposta da Abepec, a fim de barrar a sua tramitação. Esses não apenas conseguiram impedir a aprovação daquela proposta, como também foram designados pelo CFE a formar outra comissão para elaborar nova proposta curricular, cuja conclusão foi apresentada em 1977 e expressa no Parecer Nº 1203/1977 e na Resolução 03/1978, que regulamentavam novo currículo do ensino de Comunicação Social.

Esses documentos expressaram, pela primeira vez, a idéia de Projeto Experimental (no artigo 4º e parágrafos), cujo objetivo central era tornar compulsória a prática profissional no ensino de comunicação e em suas habilitações. Por essa razão, a introdução dessa disciplina foi vista à época como uma alternativa ao estágio, especialmente nos jornais, onde eram proibidos pela legislação trabalhista, atendendo a uma reivindicação dos sindicatos da categoria que viam na atividade uma exploração de mão-de-obra barata, na verdade, sem remuneração alguma (ZANOTTI, 2000). Mais que isso, a nova disciplina tinha em vista evitar o teorismo presente na estrutura curricular durante a década de 70 e, nesse sentido, obrigar as escolas de comunicação a dotarem seus cursos de um mínimo indispensável de prática laboratorial, referenciada na prática profissional desenvolvida no mercado de trabalho.

A Abepec desenvolveu ampla campanha contra a segunda proposta, sob a alegação de que esta era tecnicista e pragmática. “O CFE, como Pilatos, esquivou-se do conflito e tornou a decisão mais fácil: cada escola era livre para montar o currículo em conformidade com a Resolução 03/78 ou continuar com a anterior 11/69”. (OLIVEIRA, 1994, p.6).

Para resolver o impasse criado em 1978, já que as escolas de comunicação estavam sob a regulamentação de duas resoluções curriculares distintas e em alguns aspectos divergentes, o CFE regulamentou nova Resolução sob o nº 002/84, relatada pelo Conselheiro Dom Serafim Fernandes de Araújo, então reitor da PUC Minas, que propôs nova estrutura curricular para os cursos de Comunicação Social, a despeito de manter a disciplina Projetos Experimentais que compreendia

a produção, no último semestre do curso, de trabalho relacionado com a habilitação específica, em forma de monografia, fita gravada de som e imagem ou de som, filme cinematográfico sonoro, publicação impressa, campanha publicitária, plano de editoração, ou planejamento de programa de Relações Públicas — sempre realizados nos laboratórios da própria escola.

Apesar da tentativa do Conselho amenizar os conflitos entre as duas tendências sobre o ensino e a pesquisa em Comunicação Social no Brasil, percebe-se que a disputa entre elas permanece viva até hoje, a exemplo de eventos acadêmicos e científicos, pesquisas e artigos produzidos por especialistas da área que insistem em reascender a polêmica no ensino de comunicação, repercutindo nos projetos experimentais, como será discutido a seguir<sup>7</sup>.

No livro *Projetos Experimentais no Ensino de Comunicação* (1993), seus autores apresentam outros fatores que influenciaram a elaboração da Resolução dos Projetos Experimentais, ligados, sobretudo, aos interesses das empresas de comunicação, notadamente as empresas jornalísticas:

Ainda que não explicitamente, sem dúvida, a disciplina foi criada para pôr fim, ou, pelo menos, amenizar a polêmica suscitada por setores significativos da grande imprensa nacional sobre a validade da exigência de um diploma para o exercício da profissão de jornalista. Entre outras coisas, questionava-se a qualidade do ensino nas escolas de Comunicação e a competência dos profissionais por ela formados, para enfrentar a prática intrínseca à vida cotidiana do comunicólogo, entre todas as suas vertentes (TARGINO; MAGALHÃES, 1993, p.19).

No entender de PALÁCIOS (1993), o estágio profissional e as práticas laboratoriais e, por extensão, os projetos experimentais, deveriam ser vistos como práticas complementares e não como alternativas. E dada a proibição de estágios na área (formal e não real), as práticas laboratoriais dos cursos de comunicação acabam sendo encaradas como recriação das condições que efetivamente existiriam no mercado de trabalho. “Criam-se, assim, agências-modelo, redações-modelo, escritórios-modelo etc., que supostamente reproduziriam os ambientes de trabalho no mundo extra-acadêmico” (PALÁCIOS, 1993, p. 177-178).

Ao mesmo tempo, o autor indica potencialidade que não é explorada nos projetos experimentais, pelo fato de se inspirarem na concepção equivocada de prática laboratorial:

O projeto experimental deve ser visto como o coroamento desse processo de experimentação; como aquele momento em que o estudante, tendo já adquirido uma considerável vivência de formas de linguagens e toda uma bagagem técnica, através de práticas laboratoriais, vai, mais uma vez, experimentar e desta vez dentro de um projeto de sua livre escolha,

---

<sup>7</sup> Tal polêmica se acirrou durante o processo de elaboração e aprovação, em 2001, das novas diretrizes curriculares para a área. Uma reflexão crítica da recorrência dessa polêmica no ensino e na pesquisa em Comunicação Social irá receber maior atenção no projeto de pesquisa do FIP/PUC Minas mencionado na Introdução deste artigo, no tópico que abordará a situação atual do ensino e da pesquisa em Comunicação Social no Brasil, notadamente na PUC Minas.

dando plena vazão à sua criatividade, ousando, tentando ir além, buscando superar-se e inclusive questionando práticas e modelos vigentes no mercado. (PALÁCIOS, 1993, p. 178-79).

O autor considera ainda que o pressuposto de que a prática laboratorial prepara o estudante para o mercado profissional pode se constituir em fator inibidor da criatividade, inovação e experimentação de linguagens, ficando o experimentalismo reduzido a uma espécie de experiência pré-nupcial com o futuro empregador. “E é assim que o futuro profissional deixa de ser um agente potencial de renovação das práticas de comunicação para simplesmente se ajustar às práticas vigentes de maneira acrítica e conformista”. (PALÁCIOS, 1993:179).

Também sob perspectiva ampla de projetos experimentais, Luiz Custódio da Silva (1992) considera que esse trabalho contempla inúmeras possibilidades pedagógicas e formas de linguagem, além de abrir espaço para o desenvolvimento de trabalhos monográficos, de cunho reflexivo e crítico. Nessa direção, a interdisciplinaridade poderá contribuir para se repensar procedimentos pedagógicos, metodológicos, além de novas possibilidades estéticas e técnicas.

O mesmo autor entende que a pesquisa deve ser incorporada ao ensino não apenas como disciplina, como propõe a Resolução 002/84, mas compreendida sob diversas dimensões e significados. Do ponto de vista das habilitações, ela não pode ser vista dissociada de uma prática de jornalismo, de relações públicas, do cinema, da publicidade, já que não é possível pensarmos a pesquisa isolada de nossas práticas pedagógicas. Já sob a perspectiva epistemológica, a pesquisa no âmbito dos projetos deve possibilitar uma aproximação do pesquisador iniciante com os métodos científicos e fenomenológicos para uma compreensão e interpretação da realidade.

Outro aspecto positivo da Resolução 002/84, atestado por Oliveira (1994, p.8), é que ela deixa em aberto às escolas várias interpretações sobre as características do projeto, de acordo com as possibilidades, interesses e vocações de cada uma. Tal fato ocorreu realmente com inúmeras delas, a exemplo do curso de Comunicação Social da PUC Minas que, além de ter introduzido diversas modalidades, redistribuiu a carga horária de 270 horas da disciplina em três semestres, a fim de possibilitar maior sistematização, amadurecimento e reflexão dos alunos sobre as questões investigadas no projeto.

É com bons olhos que Palácios (1993) vê os projetos experimentais, por entender que estes são uma porta-de-entrada, uma espécie de degrau de acesso à pós-graduação e, nessa direção, contrapor-se à tendência hegemônica até então, de servir apenas como *portfólio* para os egressos dos cursos de comunicação apresentarem aos seus futuros empregadores. “Em alguns setores do mercado de trabalho de Comunicação, essa situação já começa a ser uma realidade. O mestrado (mesmo que não necessariamente em Comunicação) começa a ser uma exigência para o ingresso no mercado”. (PALÁCIOS, 1993, p. 180).

O autor afirma ainda que a questão da formação de profissionais especializados para a docência e a pesquisa na área da Comunicação se coloca de maneira premente e urgente. Nesse sentido, o projeto experimental pode ser visto também com um mecanismo para orientar as atividades de pesquisa docência, particularmente para aqueles alunos que demonstram inclinação para a carreira universitária.

O projeto experimental, juntamente com programas como bolsas de iniciação científica do CNPq e o Programa Especial de Treinamento (PET) da Capes, pode ser um elemento importante dentre desse quadro. E já que nosso tema é o mercado, não nos esqueçamos que as atividades de docência e pesquisa constituem também segmentos do mercado de trabalho para o profissional em Comunicação”. (PALÁCIOS, 1993, p. 181).

Ao contextualizarem a dicotomia histórica teoria e prática presente no ensino de comunicação, Targino e Magalhães (1993) consideram que não importa se os projetos experimentais são teóricos ou práticos, uma vez que é irracional a dissociação teoria e prática, tendo em vista que a evolução do conhecimento ocorre mediante a máxima: ação-reflexão-ação, concluindo:

É preferível que os PE (*projetos experimentais*) não reflitam esta dicotomia e, mesmo quando marcadamente práticos, devem ter sustentação teórica para estimular os alunos a não apenas criarem de e do improviso, mas circundarem essa sua criação de, pelo menos, uma reflexão em cima do que está nas práticas profissionais e no próprio processo da Comunicação. (TARGINO; MAGALHÃES, 1993, p. 112-113).

Como veremos ao longo do desenvolvimento do projeto de pesquisa, a dicotomia teoria-prática, ensino-pesquisa, formação teórica-profissional, entre outras polarizações na área da comunicação, é decorrente de uma questão fundante da constituição da

comunicação como campo de conhecimento e da sua institucionalização como área de ensino e pesquisa na universidade.

### **3. Que tipo de saber comunicacional os projetos experimentais estão produzindo?**

De acordo com a revisão sintética e crítica dos projetos experimentais no ensino de Comunicação Social no Brasil e, em particular, na PUC Minas, verifica-se que grande parte da literatura disponível data do início dos anos 90, período que coincide com a fase de implantação dos projetos experimentais nas escolas de comunicação do País, o que nos leva a inferir sobre uma possível ausência ou diminuição de estudos posteriores sobre os trabalhos de conclusão de curso e, notadamente, os projetos experimentais. Se tal inferência se confirmar em nossa pesquisa, pode-se considerar uma situação paradoxal à medida que, a partir da década de 90 houve um salto qualitativo e quantitativo nas pesquisas desenvolvidas, tanto na graduação quanto na pós-graduação (*lato sensu* e *stricto sensu*) sobretudo nas universidades públicas e confessionais. Esse aumento, segundo Kunsch (1999), tem refletido na produção científica disponível em livros, teses, dissertações, monografias, trabalhos de conclusão de curso, projetos experimentais, entre outras atividades dos pesquisadores nos âmbitos nacional e internacional.

Entretanto, conforme a autora, há escassez de estudos teóricos de comunicação disponíveis que abordam a interdisciplinaridade no âmbito da ciência da comunicação. Com as devidas ressalvas e exceções, a pesquisadora salienta que praticamente não ocorre uma interação intencional e planejada com outras ciências, numa perspectiva de efetiva interdisciplinaridade, inclusive com as próprias ciências sociais, das quais a área de comunicação social faz parte. Apesar de uma aparente interdisciplinaridade, muitos estudos, no entanto, são periféricos e não se aprofundam em nenhuma área, nem mesmo no próprio objeto da comunicação, que deveria ser a questão central a ser investigada. Na avaliação de Kunsch, isso ocorre devido à fragilidade teórica do campo da comunicação, já que inexistem paradigmas aceitos, assimilados e compreendidos capazes de serem utilizados no cotidiano do ensino e da pesquisa na maioria de nossas escolas brasileiras de comunicação.

Por consequência, o foco de atenção de parte expressiva dos estudos de comunicação ainda continua voltado para outras áreas de conhecimento ligadas às ciências

sociais e humanas. Assim, segundo Braga (2004), boa parte dos problemas e questões investigadas é sugerida “de fora”, a exemplo dos projetos experimentais desenvolvidos no curso de Comunicação Social da PUC Minas, sobretudo aqueles que estabelecem interface com outros saberes das áreas sociais e humanas que, na verdade, mais realizam análises antropológicas, sociológicas, políticas e/ou psicológicas da comunicação do que estudos baseados em conceitos e teorias da comunicação. Mesmo considerando que a partir de 1994 houve, neste Curso, diversificação nas modalidades de projetos experimentais, não havendo um semestre em que não se apresentassem pelo menos de dois a três trabalhos voltados a analisar a comunicação numa perspectiva estritamente sociológica. Em outro extremo, observa-se a presença de número significativo de projetos experimentais que adotam abordagens parciais e pragmáticas da comunicação, seja focalizando aspectos mecanicistas e lineares da comunicação, seja reproduzindo procedimentos e estratégias de atuação dos profissionais no mercado empresarial da comunicação.

Avançando no debate, Braga (2004) propõe algumas iniciativas que consideramos essenciais para maior qualificação dos projetos experimentais desenvolvidos no Curso, entre as quais destaca-se a construção de uma política acadêmica para a área de comunicação, de modo a formular explícitos problemas de pesquisa sobre questões a serem investigadas. O autor considera ainda que a mídia não deve ser encarada somente como recurso, suporte ou instrumento a serviço de processos de natureza política, econômica, cultural, entre outros, como ocorre com parte significativa de projetos do Curso que promovem a interface com outras áreas de conhecimento, como, por exemplo, a interface da comunicação e política.

Ao mesmo tempo, Braga chama a atenção para o risco que se corre quando os trabalhos de vocação interdisciplinar provocam dispersão e ofuscam o objeto comunicacional, transformando a(s) disciplina(s) de interface prática, teórica e metodologicamente dominante em detrimento de uma problematização e reflexão sobre os processos de comunicação em si.

A falta de rigor teórico-metodológico da pesquisa realizada no ensino de comunicação (tanto na graduação quanto na pós-graduação) é considerada por Kunsch (1999) uma grave deficiência da área, por traduzir carência de trabalhos empíricos e maior sistematização científica. Para ela, há necessidade de se produzir estudos quantitativos e

qualitativos alicerçados em bases teóricas e epistemológicas, capazes de assegurar a produção de novos conhecimentos e a consolidação do campo de estudos sobre a comunicação social.

Por estas e outras razões a serem ainda investigadas no projeto *Encontros e Desencontros com o Saber Comunicacional: a trajetória dos Projetos Experimentais da PUC Minas*, a pesquisa em comunicação no ensino de graduação, no âmbito dos projetos experimentais, deve ser repensada no contexto científico contemporâneo, marcado pela transdisciplinarização e pela convergência dos saberes especializados. Entende-se que este objeto de estudo adquire ainda maior relevância quando se constata a crescente preocupação dos estudiosos da comunicação diante da necessária autonomia e formação da identidade teórico-epistemológica do campo comunicacional. A nosso ver, os projetos experimentais neste Curso podem contribuir para a consolidação de áreas de pesquisa relevantes em relação ao avanço do saber comunicacional.

### **Referências bibliográficas**

- BRAGA, José Luiz. Os estudos de interface como espaço de construção do Campo Comunicacional (Texto proposto ao GT Epistemologia da Comunicação, para o XIII Congresso da Compôs, 2004).
- KUNSCH, Margarida M. K. A interdisciplinaridade na pesquisa e na formação profissional de comunicação: aspectos da realidade brasileira. In KAY, Patrícia; ARONCHI, José Carlos (Orgs.). A interdisciplinaridade na Comunicação (pesquisa e formação profissional). Suzano (SP): Edições abreOlho, 1999, p. 24-35.
- OLIVEIRA, Valdir de Castro. O Ensino da Comunicação e os Projetos Experimentais. Belo Horizonte, setembro de 1994. (Trabalho apresentado no Seminário de Projetos Experimentais do Departamento de Comunicação Social da PUC Minas).
- PALÁCIOS, Marcos. Projetos Experimentais e mercado de trabalho: o papel das práticas laboratoriais. Revista Comunicação & Sociedade, Nº 20, dez/93. São Bernardo do Campo (SP): Instituto Metodista de Ensino Superior, 1993, p. 177-183.
- SILVA, Custódio da. A pesquisa como instrumento para um novo conceito de projeto experimental. São Paulo, junho de 1992. (Trabalho apresentado no II Encontro Nacional de Projetos Experimentais)
- TARGINO, Maria das Graças; MAGALHÃES, Laerte. Projetos Experimentais no Ensino de Comunicação. Terezinha (PI): Edição dos Autores, 1993.
- ZANOTTI, Carlos Alberto. Quinze anos de Projeto Experimental na PUC Campinas. In Comunicarte, nº 23, v.17, p.1-142. Campinas, Instituto de Artes, Comunicações e Turismo da PUC Campinas, 2000, p. 28-42.